

POSICIONAMENTO DOS (AS) PSICÓLOGOS (AS) DO IFSP ACERCA DA VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR

O episódio da Escola Raul Brasil, ocorrido em 13 de março de 2019, na cidade de Suzano (SP), trouxe muitos questionamentos ao sistema educacional com relação à temática da violência nas escolas. Uma das soluções pensadas para auxiliar na prevenção de tais situações, é a atuação de psicólogos (as) escolares. O IFSP conta com esses profissionais em suas equipes sociopedagógicas, que têm dentre suas atribuições “propor, coordenar e/ou executar ações, programas e projetos no que se refere a questões específicas da psicologia, buscando (res) significar situações cotidianas da comunidade escolar, assim como (re) orientar escolhas profissionais, promover a saúde mental, o desenvolvimento das potencialidades, a autorrealização e o exercício da cidadania” (IFSP, 2014).

É importante destacar que a sensação de violência e medo são frutos do estado de violência que vive a sociedade moderna, a qual é caracterizada pela fragilidade dos relacionamentos humanos e pela crescente individualidade, onde o privado se sobrepõe ao coletivo (BAUMAN, 2001). Para Santos (1988), a violência é caracterizada como uma relação social em que uma das partes detém um poder que impede o reconhecimento do outro – pessoa, classe, gênero ou raça – vitimado. A violência está intimamente relacionada com a noção de poder, seja ele físico, econômico, simbólico etc., sendo este legitimado ou não. Em outra perspectiva, percebemos também que a realidade educacional dentro de uma sociedade capitalista, esporadicamente, também cumpre sua função como reprodutora de desigualdades sociais e culturais (Souza, 2012).

Assim constatamos que a violência está presente no dia-a-dia da escola, de modo que não basta a tentativa de combater a violência ou extirpá-la de um determinado ambiente, é necessário criar ações e projetos que promovam novos tipos de relações entre os sujeitos ali implicados, ou seja, criar novas formas de resoluções de conflitos, de administrar as diferenças, de superar os preconceitos e estereótipos. Quando o desenvolvimento saudável de um indivíduo está prejudicado, por fatores de natureza externa ou interna, somando-se a predisposições físicas ou psicológicas do indivíduo ou do grupo, podem ser criadas condições de vulnerabilidade, ou seja, aumentar a probabilidade de ocorrência de resultados negativos na presença de fatores de risco (Moreira & Guzzo, 2017).

A complexidade deste tema, nos leva a pensar que a prevenção e regulação em cada contexto escolar são cruciais, entretanto, é necessário não “psicologizar”¹ o ocorrido, e entender que eventos como este são de natureza muito mais ampla, relacionados a forma como nossa sociedade se constrói através dos tempos. A tragédia da escola Raul Brasil nos convoca a, urgentemente, rever os pontos cegos do ensino, bem como o tipo de relacionamento entre professor-aluno (a), aluno (a) - aluno(a), escola-comunidade. É preciso desenvolver programas preventivos que desenvolvam uma cultura de paz, entretanto, é impossível prescrever receitas de atuação de forma descontextualizada e padronizada, para todas as escolas. Considera-se importante que em cada contexto escolar se possa sensibilizar, diagnosticar e intervir de forma específica sobre as situações de indisciplina, violência e *bullying* observáveis (Alves, 2016).

¹ Um tipo de explicação que entende que os problemas sociais seriam supostamente sanados por meio de intervenções sobre os aspectos psíquicos ou individuais, apresentando como uma das consequências a atribuição exclusiva de responsabilidade aos indivíduos pelos problemas que os acometem (Oliveira, 1997).

É importante considerar que a paz não é ausência de violência física ou de conflitos, mas um conjunto de atitudes que leva o indivíduo a resolver as desavenças existentes de outras formas que não a violenta, pois o conflito é inerente ao convívio humano. Assim, é preciso promover na escola atividades nas quais os (as) alunos (as), servidores e gestores percebam o quanto são responsáveis pelos ambientes que frequentam, e que cabe a cada um dos atores que compõem a comunidade escolar, ajudar a construir um espaço de existência construtiva e democrática, no qual as regras e normas possam ter significado, porque construídas coletivamente.

A escola deve compreender que somente a transmissão/mediação do conteúdo curricular não basta para despertar nos estudantes o prazer pela aprendizagem, pois este deve estar conectado à cultura e às necessidades dos jovens. Com isso, prevenir a violência no contexto escolar implica incluir no currículo escolar como projeto institucional, a criação de espaços de convivência, de expressão e participação, o desenvolvimento das habilidades sociais, emocionais e morais, a valorização de atividades que envolvam a cultura, as artes e o esporte, a formação dos servidores e gestores em relação à mediação de conflitos e à construção de valores éticos, buscando melhorias na qualidade das relações entre todos os atores do cenário educacional.

Compreendemos que é necessário fortalecer os recursos que a instituição já dispõe, como o trabalho da Coordenadoria Sociopedagógica, da Coordenadoria de Apoio ao Ensino, a formação continuada de professores e os núcleos de combate à discriminação e fortalecimento das identidades minoritárias. Não obstante, defendemos a criação de um grupo de trabalho que envolva vários profissionais (psicólogo (a), pedagogo (a), assistente social, docentes e gestores) comprometidos com a temática da violência escolar, no sentido de propor ações de natureza preventiva, embasadas na literatura acadêmica, a médio e longo prazo, as quais entendemos serem mais efetivas no sentido de mudanças de ações, do que ações pontuais, como uma palestra ou semana de combate ao *bullying*.

Por fim, entendemos que a educação é responsabilidade de todos e todas e que se constrói e se solidifica a partir do trabalho coletivo, envolvendo professores, pais/responsáveis e estudantes nas discussões e na busca coletiva de soluções para os problemas enfrentados localmente. Portanto, é de fundamental importância o comprometimento da comunidade do IFSP (docentes, técnicos-administrativos e gestores) para a transformação de nossas escolas em um ambiente mais democrático, acolhedor e significativo para os nossos estudantes.

BIBLIOGRAFIA

ALVES. M. G. Viver na escola: Indisciplina, violência e *Bullying* como desafio educacional. Cadernos de Psicologia v.46 n.161 p.594-613 jul-set 2016

BAUMAN, Z. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001

CARDOSO, M.A. Paz e Violência na Escola: Vozes, Ecos E Silêncios. Práxis - Revista do ICHLA P.49-57,2012.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO. IFSP. Resolução nº 138, de 4 de novembro, de 2014. Aprova o Regulamento da Coordenadoria Sociopedagógica.

LIMA, R. Após o massacre de Realengo. Revista Espaço Acadêmico, n.121, p. 130-134, junho, 2011.

MOREIRA, A. P. G. & Guzzo, R. S. L. Violência e prevenção na escola: as possibilidades da psicologia da libertação. 2017

OLIVEIRA, F. A construção social dos discursos sobre o acidente de trabalho. 1997. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1997.

OLIVEIRA, M. I. Indisciplina escolar: representação social de professores do ensino fundamental da cidade de Cáceres MT. 2002. Dissertação (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

SANTOS, B. S. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. Estudos Avançados. vol. 2 no. 2 São Paulo Mai/Ago, 1988.

SOUZA, L.P. A Violência Simbólica na Escola: Contribuições de Sociólogos Franceses ao fenômeno da Violência Escolar Brasileira Revista Labor Nº7, V.1, 2012.

VIEIRA, T.M.; MENDES, F.D.C.; GUIMARÃES, L. C. De Columbine à Virgínia Tech: Reflexões com Base Empírica sobre um Fenômeno em Expansão. Psicologia: Reflexão e Crítica, 22(3), 493-501, 2008.